arcos DESIGN

Izakaya Hyotan: o que designa este bar como um espaço tradicional japonês?

Soraya Sugayama(UFPR/Brasil)
sorayasugayama@yahoo.com.br

Joyce Miranda Hespanha(UFPR/Brasil)
joyce.hespanha@gmail.com

Maria Eduarda Sinhorelli Colombo (UFPR/Brasil)
colomboduda@gmail.com

Arcos Design
Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, Janeiro 2023, pp. 531-544. ISSN: 1984-5596
https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign

Izakaya Hyotan: o que designa este bar como um espaço tradicional japonês?

Resumo: O objetivo principal deste estudo é compreender o que designa o Izakaya Hyotan, bar tradicional japonês localizado na cidade de Curitiba, como um espaço japonês. Que materialidades e configurações são elementos fundamentais para que percebamos a espacialidade como figurativa de uma estética japonesa. Nosso percurso narrativo foi construído por meio de três imagens que conduzem nossa análise espacial do macro para o micro, ou seja, do ambiente visto de um modo geral, pelos seus contornos e tipo de luz, até chegar em alguns detalhes e objetos. Para tanto, foi preciso acessarmos conceitos estéticos e filosóficos, metáforas poéticas budistas e xintoístas traduzidas no espaço por materialidades que expressam sentimentos de contenção, simplicidade e rusticidade, do mesmo modo, compreender artefatos que manifestam práticas supersticiosas, religiosas e culturais.
Palavras-chave: Izakaya Hyotan, arquitetura japonesa, espaços japoneses, estética japonesa.

Izakaya Hyotan: what designates this bar as a traditional Japanese space?

Abstract: *The main objective of this study is to understand what designates Izakaya Hyotan, a traditional Japanese bar located in the city of Curitiba, as a Japanese space. Which materialities and configurations are fundamental elements for us to perceive spatiality as figurative of Japanese aesthetics. Our narrative journey was constructed through three images that lead our spatial analysis from macro to micro, that is, from the environment seen in a general way, through its contours and type of light, until reaching some details and objects. For this, it was necessary to access aesthetic and philosophical concepts, Buddhist and Shinto poetic metaphors translated into space by materialities that express feelings of containment, simplicity, and rusticity; likewise, to understand artifacts that manifest superstitious, religious, and cultural practices.*
Keywords: *Izakaya Hyotan, Japanese architecture, Japanese spaces, Japanese aesthetics.*

1. Introdução

A pesquisa sobre os Izakayas[1] de Curitiba que, inicialmente, tinha o intuito de refletir sobre como se dão as representações e a produção cultural e material curitibana ligadas à militância asiático-brasileira, tomou outros rumos no decorrer das primeiras cartografias.

Eu utilizaria o método cartográfico, que foi trabalhado no livro "Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade", organizado por Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia. Neste livro, são apresentadas oito pistas do método da cartografia, onde compreendi que o mesmo tem caráter processual, implica em acompanhar percursos e experimentar em campo, ancorada em um real que se apresentaria como mapa móvel (sem regras e protocolos pré-estabelecidos por métodos de estudos e representação).

No entanto, a metodologia se mostrou não compatível com o que experimentei visitando os izakayas e me pus a praticar os quatro gestos da atenção cartográfica: o rastreio, o toque, o pouso e o reconhecimento atento.

Minha atenção como cartógrafa deveria ser aberta, sem foco, movente. O rastreio não deveria buscar informações, contudo, eu carecia delas e não foi possível para mim, neste momento da pesquisa, calibrar o funcionamento da atenção, rumo à uma percepção háptica.

Percebi que antes de ver o que estava acontecendo nos izakayas, em termos de produção cultural, eu precisava compreender aquilo que compunha esses espaços, sua estrutura arquitetônica, a paleta de cores, os objetos. No ato do rastreio, perguntas como "o que é isto", não me permitiam chegar "no que está acontecendo". Senti a necessidade de olhar mais detalhadamente o ambiente e de representar seus artefatos, descrevê-los, resgatar saberes e práticas ancestrais e transtemporais - antes de acompanhar os processos, a fim de criar e recriar territórios de observação.

Foi então que suspendi o método da cartografia citado, e as buscas acerca da produção cultural nos izakayas, para me dedicar à compreensão das formas e descrição dos objetos encontrados nos estabelecimentos, que percebi terem desenhos, muitas vezes fixos e significados que estariam relacionados às práticas transtemporais da vida cotidiana no Japão.

Compreender a produção de "espaços japoneses" tem me conduzido à necessidade de estudar as premissas filosóficas da presença, acessar metáforas poéticas budistas e xintoístas traduzidas no espaço por materialidades que expressam sentimentos de contenção, simplicidade e rusticidade,

1 Em japonês, izakaya significa: "lugar para sentar e beber saquê".

do mesmo modo, compreender artefatos que manifestam práticas supersticiosas, religiosas e culturais.

Tem sido necessário o resgate de saberes e narrativas ancestrais das quais emergem imagens e representações. Estas, que farão parte do escopo de trabalho que tenho desenvolvido com duas alunas, na iniciação científica, as quais serão parceiras, também, na escrita do presente texto.

2. O que designa os izakayas, como "espaços japoneses"

Quais as práticas e saberes que resultam em materialidades e levam a designs passíveis de serem percebidos como japoneses? Essa tem sido a pergunta norteadora da nossa pesquisa e escolhemos o "Izakaya Hyotan", primeiro bar tradicional japonês da cidade de Curitiba, para iniciar a busca por sentidos que sustentem essa percepção sobre uma espacialidade "ser japonesa".

Convidamos a leitora e o leitor para contemplar a imagem do nosso acervo particular, abaixo. A partir dessa e de outras figuras, que virão na sequência, analisaremos o espaço e alguns objetos.

FIGURA 1. Recorte 1 - Salão do Izakaya Hyotan – Soraya Sugayama.

Esta é uma espacialidade japonesa, mas quais elementos do espaço físico com seu desenho e elementos a conformam? Os kanjis[2] nos induzem de antemão à experiência estética, contudo, suspendamos essa primeira impressão relacionada aos ideogramas japoneses, para percebermos o ambiente da foto do macro para o micro.

Ao entrarmos no salão do bar percebemos um ambiente de penumbra proporcionado por pontos de luz amarela que dão origem a uma espacialidade intimista, ao contrário do que acontece em supermercados e escritórios que priorizam a luz branca, sem possibilidade de áreas de penumbra e tampouco jogos de luz e sombra. Na arquitetura japonesa tradicional e na contemporânea a compreensão dos espaços em relação a luz e a sombra sempre foi importante e denotam aquilo que, culturalmente, é considerado belo. Tadao Ando, um dos arquitetos contemporâneos japoneses mais famosos, se apropria da luz e da sombra de uma forma coreográfica, dramática. O fato das casas tradicionais japonesas possuírem paredes internas de papel, torna a possibilidade de uma luz translúcida muito ímpar. Um pouco parecida com o efeito da luz que vaza das luminárias do Izakaya Hyotan, que de forma alguma, soam agressivas. A atmosfera do bar em funcionamento à noite é um trânsito suave entre o levemente claro e o escuro.

> [...] no universo da obra Em louvor da sombra de Jun'ichirō Tanizaki, de 1933-1934. O autor explicita, numa relação com a arquitetura, a razão pela qual os japoneses passaram a apreciar "as coisas veladas de uma sombra" mais do que aquilo que brilha com grande intensidade. Tanizaki considera que beirais fundos, corredores externos e portas feitas de papel eram necessários para se opor à possante luz do verão, ou então às chuvas torrenciais e aos ventos violentos que agem horizontalmente. A leve sombra gerada pela luz indireta e sem brilho que adentra as portas de papel, pelos "raios luminosos enfraquecidos, tristes e moribundos", formatou as condições de uma beleza como de uma visão estética.
> [...] condições impostas criaram uma visão estética, essa visão estética, por sua vez, serviu-se dessas condições e deu origem a uma noção de beleza. [...] detestam-se as cores e os motivos berrantes que perturbam essa penumbra, e eles são afastados do mundo do belo. Se a beleza foi encontrada na sombra e se esta sombra foi utilizada para criar a beleza, é porque aquilo que transparece nesta sombra é belo. (FUJITA, 2021, p.182).

2 O kanji é um dos alfabetos japoneses. Diferentemente dos outros alfabetos (o katakana e o hiragana) que são compostos por caracteres, o kanji é um ideograma e representa uma ideia ou conceito (não apenas sons e sílabas).

É marcante, no salão do Izakaya Hyotan, que os elementos arquitetônicos vigas e pilares estejam em destaque na cor amadeirada marrom escura, que vão delimitando espaçamentos. Fazendo a ligação entre vigas e pilares, temos o teto e as paredes (espaçamentos) formando quadrados e retângulos em tons claros de algodão cru - esta seria uma visão macro, zoom out. Se atentarmos agora para a visão micro, numa espécie de zoom in, mais precisamente no teto, podemos perceber esta mesma descrição na forma da luminária, que parece um produto produzido artesanalmente, com trabalho de carpintaria.

Percebam que a sala do izakaya reproduz a configuração da luminária, composta por faces quadradas e retangulares em tons de algodão cru, com arestas de madeira marrom-escuras. Essa mesma estética da simplicidade e rusticidade são expressas tanto nos utensílios quanto nas salas de chá japonesas[3], que por sua vez, destacam a influência estética do zen-budismo.

> Cenário de encontros diplomáticos, a sala de chá aparece em relatos de jesuítas portugueses que estiveram no Japão antes da política de isolamento do país, que se tornou mais rigorosa em 1639 e confluiu na expulsão dos estrangeiros. João Rodrigues, missionário e tradutor português, dedicou uma seção do livro História da igreja do Japão (escrito por ele entre 1620 e 1633) para descrever a atmosfera contemplativa e o ambiente modesto da sala de chá.
> [...] O relato de João Rodrigues aponta para o ambiente rústico da sala de chá e seus objetos modestos que revelam a infuência da austeridade do zen-budismo no desenvolvimento do chanoyu. (KOBAYASHI, 2021, p. 28).

A concepção espacial da sala de chá japonesa é uma extensão dos princípios de um monastério, avesso às decorações suntuosas com uso excessivo de mobiliário e objetos que soam dissonantes da prudência e contenção emocionais características da cultura tradicional do Japão influenciada pelo Zen Budismo. A ideia que perpassa a sala de chá induz a um estado de presença singular, onde é possível conceber o vazio, contemplar o vazio e, com isso, fazer saltar aos olhos os gestos. O wabi é o conceito estético norteador destes espaços, e está associado ao desapego de bens materiais e ao desenvolvimento do espírito (KOBAYASHI, 2021, p. 30-33).

3 A cerimônia do chá é profundamente analisada de forma histórica, social, moral, espiritual, política e estética no texto da pesquisadora independente Erika Kobayashi: "O SAGRADO NO CHANOYU 茶の湯: expressão de aspectos do sincretismo religioso do Japão em uma prática de cunho estético, social e político". Este texto pode ser acessado no livro eletrônico "Conceitos estéticos: do transtemporal ao espacial na arte japonesa", que encontra-se nas referências do presente artigo.

Ensambladuras, materiais naturais como: bambu, madeira, barro e também as cores neutras destes materiais expressam ideias e filosofias que transcendem o tempo, fazem parte de um ideal estético que dá a devida importância ao simples, ao rústico e ao imperfeito, sem ostentações. Esta estética se destaca de narrativas imagéticas contemporâneas onde praticamos mundos em forma de placas cimentícias, aço, policloreto de vinil, vidros com películas espelhadas e porcelanatos.

A mobília do salão, seguindo a mesma linha estética, é em madeira pintada na cor marrom escura com desenho simples e que se repete, por exemplo, da mesa para o banco, onde a diferença reside apenas na altura dos mobiliários. As cadeiras são, do mesmo modo, com design simplificado formado por linhas retas no assento e no encosto, com espaldar vazado e ambos (assento e encosto) sem estofamento algum. Tudo tende ao horizontal e nada é supérfluo. A ênfase no sentido horizontal é característica do sistema construtivo japonês herdado da China[4].

Em destaque no centro da Figura 1 temos uma espécie de cabaça pendurada no pilar, com função decorativa, outro material natural. O lugar de destaque no ambiente não é à toa, pois o objeto dá nome ao estabelecimento. As cabaças conhecidas como hyotan, no Japão, lembram uma garrafa ou um bulbo com pescoço estreito, o que as tornam muito funcionais para a armazenagem de líquidos. Antigamente faziam parte dos utensílios de camponeses, como instrumento agrícola para carregar água, saquê, armazenar arroz ou outros alimentos, importância que nos faz entender o porque desta cabaça estar associada a símbolos de boa sorte, prosperidade e longevidade.

O objeto *hyotan* na cultura japonesa, portanto, transita pelo universo campesino tendo suas utilidades cotidianas e agrícolas, mas também tem seu simbolismo cultural ao migrar do utensílio para objeto decorativo que traz bom agouro. Transferir um objeto de seu universo funcional original para outro é uma prática estética japonesa conhecida como mitate.

Outra característica que remete aos ambientes japoneses e está presente no Izakaya Hyotan é a noren, cortina tradicional japonesa, geralmente curta, com a função de separar ambientes, como um elemento de transição. É

4 "Os sistemas de construção arquitetônica, no leste da Ásia, têm certamente como fulcro central as terras do que hoje conhecemos como China. [...] Como é sempre destacado nos manuais de história nipônicos, a introdução massiva de saberes chineses que se dá a partir do século VI se torna alicerce fundamental para o seu desenvolvimento futuro. [...]Com o budismo, e todas as importações de várias áreas do conhecimento, vieram maneiras de construir visivelmente continentais e ocorreu um grande desenvolvimento em suas tipologias e tecnologias. A construção japonesa, menos grandiosa que a chinesa, desde sua origem, inclinava-se a integrar-se ao ambiente e ao clima" (CORDARO; TAGASEY, 2021, p. 44-45).

comum a arquitetura japonesa prever espaços transicionais que podem estar relacionados à mudança de função, sentimentos, ou à necessidade de materialização espacial de um "entre" que estaria, numa dada travessia, entre o interior e o exterior, ou entre o mundano e o sagrado, como se fossem metáforas visuais e simbólicas que unem função e sensação como elementos importantes na concepção espacial. Nos referimos à estética do *ma.*

> É o interstício, a distância entre dois objetos, duas coisas. Ele pode ser tanto de ordem temporal quanto espacial. Na importância dada ao *ma*, observa-se uma das grandes características da cultura japonesa.
> Poderíamos chamar isso de "a estética do *ma*".
> [...] Contudo, o *ma* não apenas separa: ele conecta os objetos e as coisas entre si. Nesse duplo papel de separação e de união simultâneos, encontra-se o sentido particular do *ma*. (FUJITA, 2021, p.176).

A *noren* consiste em simples panos quadrados ou retangulares, podendo ter uma ou mais fendas verticais que permitem a passagem da pessoa. Na Figura 1 pode ser observada do lado esquerdo e ao centro e da imagem. A *noren* é usada há séculos no Japão e é muito distinta das cortinas aos modos ocidentais que ficam comumente na parte interna das janelas e têm a função de amenizar ou barrar a luz natural que vem de fora, sendo abundantes na quantidade de tecidos pregas e sobreposições.

Ainda na Figura 1 na sequência da *noren* e um plano à frente podemos ver a gravura de um dragão. A intenção da Figura 2, a seguir, além de reforçar as análises espaciais feitas até aqui, é mostrar a pintura que inicia na parede de fundo do salão e continua na parede perpendicular. Também, para observarmos um balcão que acompanha longitudinalmente o salão do Izakaya Hyotan.

Os balcões são elementos característicos importantes da arquitetura de interiores de estabelecimentos como este no Japão. Este que podemos ver na Figura 2 materializa muitos conceitos *zen,* por ser simples, rústico e imperfeito na sua forma. Observem o acabamento da borda externa, totalmente irregular, advindo da forma do próprio caule da árvore que deu origem à mobília. Os veios da madeira estão presentes no balcão e a natureza está ali, bela e imperfeita.

FIGURA 2. Recorte 2 - Salão do Izakaya Hyotan – Soraya Sugayama.

A gravura do grande dragão[5] localizada logo ao fundo do salão, surge como uma força enérgica que se contrapõe à estética zen e foi pintada pelo artista plástico e grafiteiro Atsuo Nakagawa[6], que atualmente mora em Kyoto e é natural da mesma cidade, no Japão. Suas obras circulam por outros estabelecimentos e Izakayas na cidade de Curitiba. Esse tipo de arte chama-se *Ukio-e*, um gênero de xilogravura e pintura muito popular que surgiu durante o período Edo e, até hoje desempenha um papel importante na

5 O dragão é o único animal mitológico do zodíaco chinês, vigoroso e provocador de chuva, elemento da cultura japonesa, assim como outros, apropriados da cultura chinesa.

6 O artista plástico Atsuo Nakagawa é natural da cidade de Kyoto, fundada no ano de 794 – antiga capital do Japão imperial (sendo substituída por Tokyo em 1868) - e se formou em 2001 pela Universidade de Artes Plásticas de Kyoto: Saga Bijutsu Tanki Daigaku. Já trabalhou com a Nanasai Company – empresa de manequins de moda, Art Union que produzia objetos e esculturas para a Universal Studios e The Walt Disney Company. E com as marcas japonesas Macromauro, Asics Onitsuka Tigre Brasi e New Era Brasil.

representação visual da cultura e da sociedade japonesas. O imaginário de Atsuo Nakagawa provém de pinturas localizadas em templos budistas e santuários xintoístas: dragões, demônios e monstros têm significados culturais importantes ligados à sabedoria, força, poder, proteção e riqueza, fazendo parte do imaginário da população japonesa, bem como do nosso imaginário, quando pensamos no Japão.

Assim como em muitas gravuras do artista japonês Katsushika Hokusai, autor das "Trinta e seis vistas do monte Fuji" que inclui "A Grande Onda de Kanagawa", as cores predominantes na gravura de Atuo Nakagawa são o azul e o branco. Em termos de leitura de cores do salão do Izakaya Hyotan podemos dizer que o marrom e o tom mais claro de algodão cru são estruturantes do espaço e o azul é a cor decorativa. Estudando o texto "Caminhos para a Cultura e o Pensamento Japoneses: o Ma, o Awai e o Aida" (FUJITA, 2021, p.175-188), aprendemos um conceito estético tradicional japonês que pode ser usado como um objeto intelectual preciso, o *iki,* que está ligado a outro conceito chamado *awai* e, para compreendê-lo, precisaremos voltar ao conceito *ma*.

> O *ma* separa as coisas e os acontecimentos. Separando-os, ele cria um intervalo adequado, um interstício adaptado. Mas ele não apenas separa duas coisas ou dois acontecimentos, ele os une. Nessa zona onde os dois se ligam estando separados ou, melhor dizendo, onde eles se encontram, nasce o *awai*. No Dicionário de língua clássica Iwanami, está escrito que *awai* é "a
> contração de *aiai*", que se forma no momento em que duas perspectivas se dirigem uma à outra e que, ao invés de se oporem e se suprimirem mutuamente, elas se combinam e se interpenetram (FUJITA, 2021, p.181).

As cores geradas pelo *awai*, segundo Fujita (2021) interpretando Shūzō Kuki no livro "Iki no kōzō" (1930), são as cores *iki*.

> De maneira concreta, Kuki defne como *iki* três tipos de cores: o cinza, o marrom e o azul. Trata-se de tons nos quais o grau de saturação (uma das três características de todas as cores), ou seja, seu aspecto vivo (sua pureza), foi reduzido. Isso não se encontra desconectado com o fato de que, no último terço do período Edo, várias leis puseram freios cada vez mais rígidos ao luxo, fazendo com que as cores menos vibrantes fossem apreciadas (FUJITA, 2021, p.183).

Em uma livre interpretação espacial, podemos dizer que o tom de algodão cru, no salão do Izakaya Hyotan, faz às vezes do cinza, completando a tríade de cores do conceito *iki*.

Para completar esse percurso narrativo que criamos para a escrita do presente artigo (do macro para o micro), escolhemos um dos muitos pequenos objetos decorativos para finalizar este capítulo, o daruma, em destaque na Figura 3.

O *daruma* é um boneco tradicional japonês muito popular, inclusive no Brasil. É comum vê-lo em restaurantes de comida japonesa, lojas de produtos orientais. Ele representa perseverança e sorte. Apesar de ser uma imagem que remete ao oriente amarelo, comum aos ocidentais, sua história é desconhecida de muitas pessoas. Um detalhe curioso e que pode passar despercebido, é que os *daruma* nem sempre estão com os olhos desenhados.

FIGURA 3. Daruma, Izakaya Hyotan – Soraya Sugayama.

O espaço em branco, no lugar dos olhos está ligado à lenda do Bodidharma, monge budista que teria vivido entre os séculos V e VI depois de Cristo e teria cortado as próprias pálpebras para impedir que dormisse durante sua meditação. A crença supersticiosa que envolve este boneco consiste em pintar um único olho em um dos círculos brancos, enquanto se compromete com seu objetivo e faz seu pedido e para o *daruma*. O segundo olho será preenchido somente quando o objetivo for atingido ou o pedido realizado, o que devolveria a visão do monge como forma de agradecimento. A prática envolve espera, perseverança, bem como a sorte de alcançar o objetivo pretendido. No Izakaya Hyotan, pelo visto, muitos objetivos já foram alcançados.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse breve percurso narrativo acerca do Izakaya Hyotan, bar tradicional japonês situado na cidade de Curitiba, pudemos perceber o quanto a cultura tradicional japonesa atravessa gerações e continentes, se materializando em espaços que revisitam o Japão tradicional de várias formas. Com relação à espacialidade do bar escolhido para análise existem outros recortes que poderiam dar diferentes rumos para a escrita, como a gravura não mencionada no presente texto que encontra-se logo na entrada do bar, do lado esquerdo e remete a um *shunga* – arte erótica japonesa que precede o movimento artístico citado *Ukio-e*; os utensílios e a própria comida e bebida servidas no estabelecimento. Tentarei abordar esses outros elementos numa próxima oportunidade de escrita.

Percebe-se por meio das descrições e análises da espacialidade do Izakaya Hyotan que, para compreendermos um pouco da cultura japonesa expressa na arquitetura, na arte e nas espacialidades, é necessário acessar um Japão que sempre conecta o tangível e o divino, por meio de crenças e práticas ritualísticas que não são necessariamente ou estritamente religiosas, mas que estão ligadas à busca por um modo de vida auspicioso, que procura se aproximar da natureza, ou do que é natural e com isso, acessar a beleza e a purificação da alma.

Para compreendermos mais a fundo esse modo de vida japonês e a cultura que perpassa gerações se materializando em formas, cores e espaços pretendemos acessar mais profundamente estudos acerca das práticas budistas e xintoístas, que estão enraizadas, intimamente ligadas à cultura japonesa e que desempenham um papel significativo na construção das subjetividades das pessoas do país.

Nesse momento da escrita surge a seguinte questão: será que todos esses conceitos que procuramos compreender e introduzir no presente artigo, como o *ma*, o *mitate*, o *awai*, o *iki* foram pensados pelo dono do bar ou pelas e pelos profissionais que construíram o salão deste bar tradicional japonês? Nossa hipótese é que muito provavelmente, não. No entanto, esses conceitos já estão de certa forma naturalizados como aquilo que pode ser materializado e entendido como uma espacialidade japonesa, percebido como uma estética japonesa.

Referências

AVANCINI, Atílio; HASHIMOTO CORDARO, Madalena; OKANO, Michiko (orgs.). Conceitos estéticos: do transtemporal ao espacial na arte japonesa. Guarulhos: EFLCH-UNIFESP, 2021.

CORDARO, Madalena H; TAGASEY, Herman. O Sistema Construtivo Japonês na Arquitetura. In: AVANCINI, Atílio; HASHIMOTO CORDARO, Madalena; OKANO, Michiko (orgs.). Conceitos estéticos: do transtemporal ao espacial na arte japonesa. Guarulhos: EFLCH-UNIFESP, 2021.

FUJITA, Masakatsu. Caminhos Para a Cultura e o Pensamento Japoneses: o ma, o awai e o aida. In: AVANCINI, Atílio; HASHIMOTO CORDARO, Madalena; OKANO, Michiko (orgs.). Conceitos estéticos: do transtemporal ao espacial na arte japonesa. Guarulhos: EFLCH-UNIFESP, 2021.

KOBAYASHI, Erika. O SAGRADO NO CHANOYU : expressão de aspectos do sincretismo religioso do Japão em uma prática de cunho estético, social e político. In: AVANCINI, Atílio; HASHIMOTO CORDARO, Madalena; OKANO, Michiko (orgs.). Conceitos estéticos: do transtemporal ao espacial na arte japonesa. Guarulhos: EFLCH-UNIFESP, 2021.

Como referenciar

SUGAYAMA, Soraya; HESPANHA, Joyce Miranda; COLOMBO, Maria Eduarda Sinhorelli. A Izakaya Hyotan: o que designa este bar como um espaço tradicional japonês? **Arcos Design**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, pp. 531-544, jul./2024. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign.

DOI: https://www.doi.org/10.12957/arcosdesign.2024.81939

A revista **Arcos Design** está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Compartilha Igual 4.0 Não Adaptada.

Recebido em 07/02/2024 | Aceito em 09/05/2024